

A FEIRA DE TODOS OS LIVROS

Rita Silva Freire

rita.s.freire@sol.pt

José Eduardo Agualusa e Sandro William Junqueira são dois dos escritores que estarão com novos romances na 84.ª edição da Feira do Livro de Lisboa. Além das novidades, é a tradicional oportunidade para encontrar títulos fora do circuito e a preço de saldo.

Até ao dia 15 todos os caminhos vão dar ao Parque Eduardo VII. A Feira do Livro está de novo em Lisboa, para a sua 84.ª edição. Com 250 pavilhões e mais de 500 chancelas, são milhares de livros disponíveis, entre novidades e fundos de catálogo que dificilmente se encontram em livrarias (e não faltam na feira os alfarabistas com edições há muito esgotadas).

Mas o que ano após ano continua

Tiragem: 48610

País: Portugal

Período: Semanal

Âmbito: Informação Geral

Pág: 28

Cores: Cor

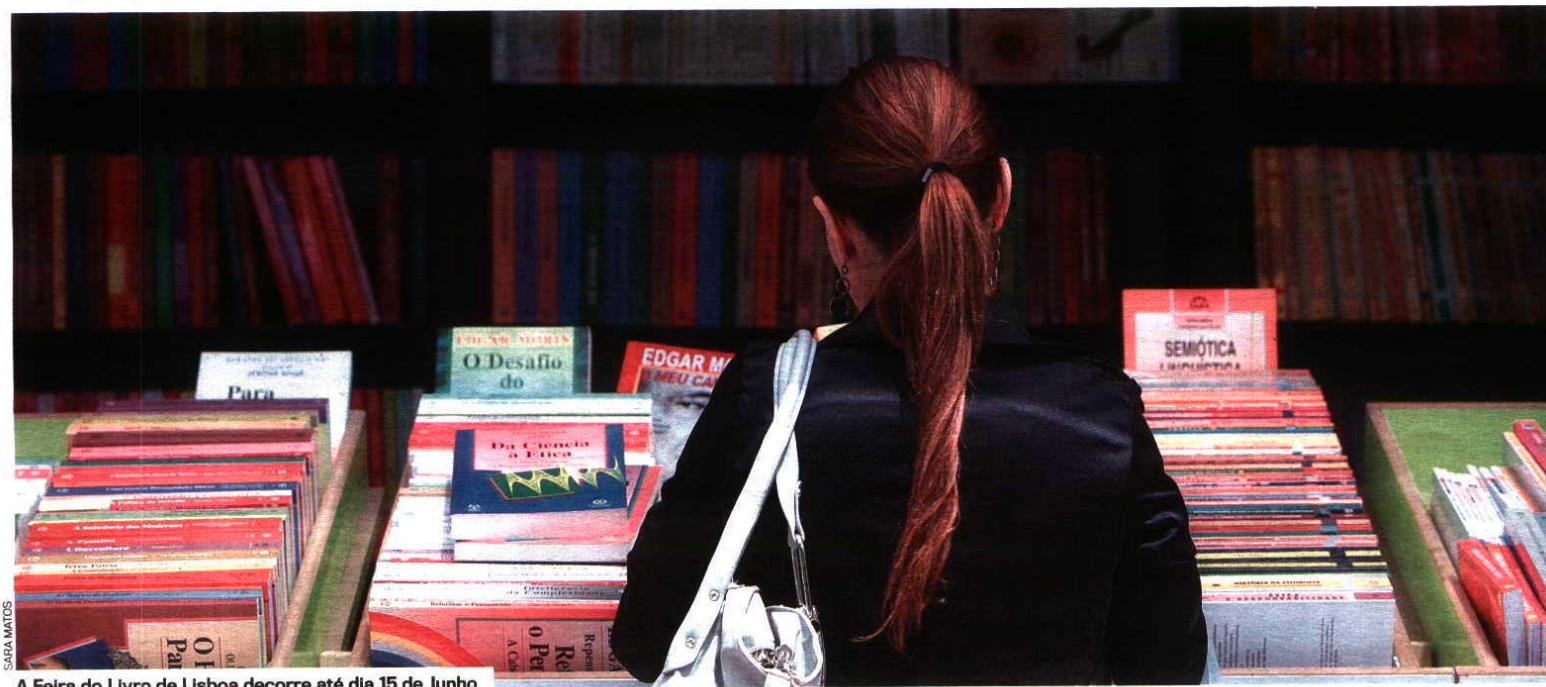
Área: 27,01 x 27,79 cm²

Corte: 1 de 3

queira (ver entrevista ao lado), apresentado por Patrícia Reis, João Ricardo Pedro e Nuno Camarneiro. José Eduardo Agualusa lança *A Rainha Ginga* fora da feira (hoje, 6, às 21h30, no Clube Ferroviário, com apresentação de Mia Couto, ver entrevista ao lado) mas estará na feira terça-feira, 10, e sábado, 14, às 16h, junto ao pavilhão da Quetzal.

Também de Angola chega *Sonhos Azuis pelas Esquinas*, o novo livro de contos de Ondjaki, lançado, com a presença do autor, no domingo, 8, às 21h, junto ao pavilhão da Caminho. Quem também estará em feira vindo de longe é Luis Sepúlveda que lança na feira, sábado, 7, e domingo, 8, às 15h30, na Porto Editora, *História de um Caracol que Descobriu a Importância da Lentidão*. No mesmo pavilhão será possível encontrar José Rentes de Carvalho, com o seu *Portugal, A Flor e a Foice*, no sábado e no domingo, às 16h, tal como Richard Zimler, com *A Sentinela*, também sábado e domingo, às 15h.

Mas há mais livros em destaque nos pavilhões das editoras como *Cláudio e Constantino*, o novo romance de Luisa Costa Gomes (D. Quixote) *A Morte sem Mestre*, o novo livro de poemas de Herberto Helder (a edição será única e os seus livros tendem a esgotar-se em apenas algumas horas...), que se publica na segunda-feira.



A Feira do Livro de Lisboa decorre até dia 15 de Junho



‘Os poderes têm-se tentado apropriar da Rainha Ginga’

Em A Rainha Ginga conta-se a história de uma figura central da história africana.

Porque quis escrever um romance sobre a Rainha Ginga?

Quis escrever um livro sobre uma determinada época e momento histórico. E contar essa história numa perspectiva africana, a partir da corte da Rainha Ginga.

Fala sobre a história de Angola...

Sobre a História do mundo. De Angola, do Brasil, de Portugal, da Holanda. É ali que se define quem fica com Luanda. Podiam ter sido os holandeses. É um período de construção da História, tudo se decide. Quis mostrar que os africanos tiveram um papel activo em todo esse processo de construção do mundo, das fronteiras de Angola, do Brasil, de Portugal. Tinha a per-



JOSÉ E. AQUALUSA

sonagem extraordinária da Rainha Ginga e o mundo à volta dela. Era a história que eu queria contar.

Como fez a pesquisa?

Existe um livro extraordinário, a **História Geral das Guerras Angolanas**, do Cadornega. E há testemunhos da época.

Olivro decorre no séc. XVII, o anterior, ‘A Vida no Céu’, no futuro. É uma forma de olhar o presente?

É uma forma de tentar compreender o presente. O presente existe porque existiu um passado. E o futuro ajuda-nos a prever e corrigir erros de hoje.

Numa entrevista disse que esta romancice contraria a imagem oficial da Rainha Ginga. Em que medida?

Não disse bem isso... O que acontece é que todos os poderes ao longo da história se têm tentado apropriar da imagem da Rainha Ginga, reconstruindo essa imagem à sua semelhança. O poder colonial fez isso e o poder contemporâneo também. A Rainha Ginga é muito mais interessante do que essas visões redutoras.

Este retrato vai surpreender?

Sim. Acredito que virá a ter, no futuro, mais leitores em África do que no exterior. E não apenas em Angola, pois responde a uma demanda do continente de olhar para a história de uma perspectiva interior.

Há quanto tempo pensava escrever este romance?

Desde sempre. Mas só agora tive coragem. É um projecto ambicioso, complexo. Não me achava à altura. Tive que escrever tudo o que escrevi para avançar.

‘Os escritores são esponjas do mundo’

O mundo em guerra entre Norte e Sul em No Céu Não Há Limões.

Como surgiu este romance?

Fui assaltado por uma imagem que se recusou ir embora: uma mulher idosa, de socas, a percorrer um carro a caminho de um limoeiro. Parecia simples. Mas como teimava em surgiu decidi escrevê-la. Quando o fiz, intuí que era o começo de algo. Depois, palavra a palavra, frase a frase, o mundo que a rodeava foi sendo descoberto e construído.

Divide o mundo entre Norte e Sul. Porquê?

No acto criativo gosto mais de me perder do que ter a certeza do lugar para onde vou. Mas é sempre útil ter uma bússola à mão.



SANDRO W. JUNQUEIRA

É um retrato europeu? Do mundo?

É uma leitura possível, não vou recusá-la. Haverá outras. É minha convicção de que um autor deve ter uma responsabilidade não só estética mas também ética. Os escritores são esponjas do mundo. Sorvedouros da vida. No meu caso, não consigo fechar os olhos ao que se passa ao redor. Tenho necessidade de questionar também os socos e o espanto que a realidade nos dá.

O Sul pobre, o Norte rico, no meio uma guerra. O que quis explorar?

São as circunstâncias com as quais

aquelhas personagens são obrigadas a confrontar-se. E que exigem delas movimentos e decisões. O que decidi procurar não foi apenas o resultado de todos esses avanços e recuos de ambos os lados, mas também a indefinição de saber qual o lugar a que devemos pertencer. Colectivamente estamos a viver esse momento histórico de indefinição. Ninguém sabe para onde avança o mundo. A velocidade e a exigência dos acontecimentos são perturbadoras.

O desespero de fugir para o Norte faz o Sul perder a humanidade?

A guerra é um vazio de humanidade. É de sobrevivência que se trata.

Tudo é moeda de troca, nomeadamente o sangue. Porquê?

Há uma passagem no livro que, creio, resume bem a ideia: «Quando o mundo faz doer, somos apenas carne que soma. Animais. Gado».

A FEIRA DE TODOS OS LIVROS

Todos, todos os livros, não são, mas há milhares de títulos disponíveis em 250 pavilhões, Parque Eduardo VII fora, até dia 15, na 84.ª edição da Feira do Livro de Lisboa. Entre dezenas de novidades, destaque para A

Rainha Ginga, de José Eduardo Agualusa, no romance, ou **A Morte sem Mestre**, de Heriberto Helder, na poesia. Nota ainda para a continuação da Hora H (22 às 23h de 2.ª a 5.ª feira), com descontos de 50% **Pág. 28**

Tiragem: 48610

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Informação Geral

Pág: 56

Cores: Cor

Área: 18,84 x 6,16 cm²

Corte: 3 de 3



Na Feira é possível encontrar edições de 500 chancelas



SARA MATOIS